

Madre Mazzarello

2002 © Título original em italiano: *Maria Domenica Mazzare/lo*,
Editrice Elle Di Cio

Direção geral: Ailron A. dos Santos
Direção administrativa: Mauro Maximiliano Chiarot

Coordenação editorial: Alex Criado
Equipe editorial: Agueda Cristina Guijarro
Ana Cláudia Ramacciotti Vieira
Ana Cosenza
Tatiana Y. Tanaka

Equipe de arte: Gledson Zifssak
Luciene Cardoso

Tradução: Ir. Maria A. de Andrade Simões

Revisão: Cristina Kapor

Capa: Gledson Zifssak

Secretaria editorial: Graciela Naliati

Impressão e acabamento: Escolas Profissionais Salesianas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(amua Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bosco, Terésio, 1931 -
Madre Mazzarello / Terésio Bosco; (traduzido por Maria
Amélia de Andrade Simões). - 7. ed. - São Paulo: Editora
Salesiana, 2002.

Título original: Maria Domenica Mazzarello.

1. Maria Mazzarello, Santa, 1837-1881 2. Santos cris-
tãos. - Biografia I. Título.

02-2863

CDD-282.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos: Igreja Católica: Biografia

282.092

7ª edição

1ª reimpressão - 2007

Todos os direitos reservados:

EDITORA DOM BOSCO
Rua Dom Bosco, 441 - Mooca
03105-020 São Paulo - SP
Fones: (11) 3274-4906 / 3274-4953
Fax: (11) 3209-4084
vendaslivros@editorasalesiana.com.br
www.editorasalesiana.com.br

A JOVEM QUE VEM DO MORRO

As colinas de Monferrato (Itália) são verdes e lindas. Isto para os olhos. Não para os camponeses que as devem galgar cada dia, enxada ao ombro, marmita para um dia inteiro de trabalho. Basta a seca de um mês para a terra se fender e rachar. Sob o sol impiedoso, que corta o ar a pino, o cansaço é penoso e a respiração ofegante. Os lavradores são silenciosos, quase carrancudos. Não é verdade que trabalham cantando. Capinam e imprecam silenciosamente contra os longos sulcos e as horas que custam a passar.

Por volta de 1855, nestas colinas (distrito de Mornese) trabalhava uma jovem que irritava os camponeses mais que de costume. Chamava-se Maria Mazzarello. Tinha 18 anos. Era tão forte na enxada que venciam os trabalhadores contratados para o dia. (E quem suporta alguém ser vencido por uma mulher em alguma coisa?)

— De onde vem essa moça? (Este era o assunto corriqueiro do café da manhã.)

— Que tem em si? Fogo?

— Por quê? Ela não incomoda ninguém.

— Vai ser um tormento pro marido —. E todos riam gostosamente.

— Se for valente de língua como o é de braços... o coitado terá de dar um duro ...

UM DESPERTADOR DIFERENTE

Maria era mesmo valente. Mas não prepotente. Vinha de Valponasca, um lugarejo distante de Mornese menos de quarenta minutos. Ali, em Valponasca, "seu" José comandava, firme, um pequeno grupo de gente sempre faminta.

— Para que Deus nos dê pão com abundância é preciso rezar e trabalhar - repetia com frequência o Sr. José. Isso, para os sete filhos, era como se fosse Evangelho.

Maria trabalhava duro e rezava muito. Assim que a claridade da manhã entrava pelas frestas da janela, sacudia a irmã Felicina e pulavam da cama. De mansinho, pé ante pé, saíam de casa e rumavam pela estrada afora em direção da igreja. No verão a coisa era simples, mas, no inverno... tiritando de frio, batiam os dentes e muitas vezes durante a missa tinham de esfregar os dedos para não se enregelarem. Jamais imaginaram deixar de ir à igreja por causa do frio. E não faltaram nunca. De resto, quase todas as jovens do povoado procediam assim. Era bonito ver, cada manhã, chegarem os grupos, falando baixinho, véu à cabeça, recolhidas para a oração, antes dos trabalhos do dia. Mornese era muito feliz com o pároco que tinha. Cuidadoso das almas, Deus ali era levado muito a sério.

Maria fizera a primeira comunhão com 10 anos. Desde aquela data buscou Jesus todos os dias. Falava com muita simplicidade: "Sem Ele, não saberia viver".

Aos 12 anos, como toda adolescente, teve as mais extravagantes ideias para sustentar o seu amor a Cristo: comunhão diária, custasse o que custasse. Durante o inverno, como em

casa não havia despertador e a claridade não viria acordá-la a tempo, resolveu o problema com um barbante. Amarrando-o bem apertado à cintura, despertaria muitas vezes durante a noite e... numa delas seria a hora certa. Felicina concordava plenamente com as ideias "geniais" de sua irmã. E as teve melhores ainda, quando, por causa do frio rigoroso demais, deviam dormir no palheiro vizinho ao estábulo onde o bafo quente dos animais servia de calefação "natural". Ao próprio braço, Maria atou a corda que vinha do pescoço da vaca mais irrequieta que havia: Mora. E que bons serviços prestou o manso animal! Mora não sossegava a noite toda. E com isso o sono de Maria nunca foi tão profundo a ponto de não deixar que ela percebesse logo o amanhecer tão escuro como a noite. Nunca perdeu a hora de ir-se pela estrada afora... O P. Pestarino desconfiou de alguma coisa e, no confessionário, acabou com a festa:

— São ideias extravagantes — disse ele. — Deus prefere que mostremos o nosso amor sacrificando-nos pelos outros e não amarrando-nos às cordas das vacas.

TIFO, BRUXARIA E MAU-OLHADO

A ocasião de sacrificar-se pelos outros chegou bem depressa. E chegou muito seriamente, em 1860: tifo na vila e em toda a redondeza. Já no ano anterior, a segunda guerra da independência tinha feito muito estrago em Valponasca. Não foram poucas as famílias que ficaram sem chefe. E agora, essa do tifo surgindo virulento daqueles poços de água estagnada. O terror se espalhou pela tranquila colina. Todo forasteiro que

chegasse corria o risco de ser recebido a pauladas. Ninguém poderia entrar. Traria a doença consigo.

Como de outras vezes, sempre que reaparecia alguma moléstia devastadora voltava-se a falar em bruxarias e mau-olhado. Naquela época, palavras como higiene, micróbios, desinfecção eram desconhecidas, não só em Monferrato. As pessoas sãs trancavam-se em casa e, ai de quem quisesse entrar! As famílias atingidas pelo tifo eram abandonadas por toda a população. Como de outras vezes, havia o P. Pestarino para socorrer aqui e ali. Ninguém mais, porém. O medo tem razões fortes para aumentar nosso egoísmo.

A família de Orestes Mazzarello, um tio de Maria, foi das primeiras a tombar. A doença derrubou todos: o tio, as crianças e por fim também a mãe. Esta e o filho mais velho logo chegaram aos extremos. Solícito, o P. Pestarino vai visitar a família e percebe que de jeito nenhum poderiam ficar sozinhos. Alguém precisava cuidar de todos.

Vai direto aos Mazzarello e chama Maria:

— Na casa do tio Orestes, dois estão morrendo. Você tem coragem de passar lá alguns dias?

Longo silêncio. Maria tem medo como todos. Pensa. Sente dentro de si que, se for, contrairá o mal. Pensa outra vez e sente também que é a hora de sacrificar-se pelos outros: sua nova forma de comunhão com o Senhor. O P. Pestarino está tranquilo, olhando e esperando a resposta. Mais um minuto e Maria quase que suspirando:

— Se o pai deixar eu vou.

— Com seu pai falo eu. Prepare roupa que dê para uma semana — completa o pároco.

Maria vai rápido. Fica mais de oito dias rodando silenciosa dos quartos para a cozinha. Desta para o quintal e a ordem volta a reinar naquela casa onde o sorriso se instalou de novo. Remédios e caldos quentes. Tudo à hora certa. O tifo não resistiu. Maria era mais forte. Até os mais graves conseguiram se levantar para alguns passos. E isso foi a felicidade de todos. Porém, a doença se vingou: Maria, de repente, com febre altíssima, não te nem tempo de voltar para casa. Seria loucura sair com aquela febre.

Mais uma doente na casa do tio Orestes. Aquele jovem rosto oval que levava sorrisos a todos os quartos, em poucos dias, é um esquelético triângulo amarelo. O médico, da primeira vez, sacode a cabeça. Talvez nada mais haja a fazer. A morte já está ali.

Engraçado. A jovem que custara tanto a responder, porque tinha medo do tifo, agora não tem medo da morte. Ao parente que lhe traz uma dúzia de ovos para "se fortificar depressa", ela responde sorrindo:

— Muito obrigada pelo presente. Mas não sei se vou chegar a tomar estes ovos. A gente morre mais depressa do que pensa, sabe? Quando menos se espera!

Esse primo, que havia tanto tempo não punha pé na igreja, na mesma semana procura o P. Pestarino para se confessar.

Ao médico que lhe dá novas receitas, Maria explica com dificuldade:

— Não é preciso, doutor, obrigada. Não vou tomar novos remédios. Só espero que Deus me venha buscar para o paraíso.

Enganara-se, porém. Sua hora não havia chegado. Deverá trabalhar ainda muito, antes que Deus a chame.

VOZES MISTERIOSAS

Mesmo sem novos medicamentos, como queria, de repente Maria se sente sem febre e começa a se levantar um pouco. No rosto, o rosado bonito dos tempos antigos. No sorriso, um pouco mais de expressão. Na voz a primitiva firmeza. Mas, nos braços e pelo corpo todo fica uma moleza sem sentido. Torna aos vinhedos. Quer reagir, mas não consegue e diz, sorrindo, aos colonos contratados:

— Esta moleza vai passar. Para me alcançar de novo, vocês vão ter que pôr a língua de fora.

Passam os meses e a força não retoma. O tifo quebrara alguma peça daquela máquina humana. Que fará agora?

Entretanto os jovens de Mornese começam a perceber que Maria se tornara a moça ideal. Que linda esposa e que mãe dedicada não daria!

Mais de um se aproximou. Mas como falar seriamente com Maria sobre casamento? Este assunto ela não queria nem começar. Sabe que não se casará. "Que farei de minha vida?" — pensa seriamente. Entra mês, sai mês, a pergunta a lhe bailar pela cabeça: "Que farei de minha vida?".

Um dia acontece algo de esquisito: caminha, como sempre, pela colina de Borgo Alto. Repentinamente se assusta e vê

diante de si um alto edifício com muitas meninas correndo e brincando num grande pátio interno.

"Que é isto?" — chega a murmurar enquanto sacode a cabeça, abre e fecha os olhos. E mais se assusta quando lhe parece ouvir nitidamente as palavras: "Tome conta destas meninas".

Maria muda de rumo e vai rápido ao P Pestarino: "Padre...". O bom vigário, homem prático, ainda desta vez acaba com toda a fantasia:

— Imaginação, Maria. Não pense mais nisso nem fale disso com ninguém.

Mais tarde o P. Pestarino mudará seu parecer. Mas, quem pode ver claro no futuro, quando Deus usa meios diferentes para mostrar sua vontade?

A AMIGA PETRONILA

Maria tem uma amiga. Com ela não há segredos. É Petronila que, embora tenha o mesmo sobrenome, não é sua parenta. Então chega o dia em que Maria lhe descobre o coração e faz um convite:

— Sabe, Petronila, há tempo que ando pensando... que fazer de minha vida? Resolvi aprender costura e ser modista. Quando estiver bem firme, abro um salão e ensino o corte às meninas pobres. Assim estarei o dia inteiro com elas e poderei falar-lhes de Deus. O que você acha? Quer vir comigo e ser costureira também? Vamos viver juntas, numa casa nossa, como numa família.

Petronila virou erevirou dentro de sua cabeça o pensamento da amiga. Maria tinha razão. Que vida útil poderiam empreender! Fala com o pai e depois com o P. Pestarino. Tudo certo.

No outono, lá vão as duas diariamente à casa do Sr. Valentino Campi. É o melhor alfaiate de toda a redondeza. Cada vez mais encontram a razão de ser de suas vidas. Não sabem, porém, que também Deus tem alguma coisa a dizer sobre essa novidade.

QUATRO OLHINHOS BRILHANTES

Depois de um ano e algumas mudanças, o pequeno salão de costura está definitivamente instalado um pouco fora da vila. Uma dezena de meninas aí vão diariamente *"aprender corte e costura"*. São as mais pobres, reconhecidamente. Maria e Petronila guiam aquelas mãozinhas desajeitadas, alegam aquelas pequenas vidas, familiarizam aqueles corações inocentes com a Palavra de Deus. Corre tudo como pensavam. O P. Pestarino colabora. Aparece de vez em quando para brevíssimas lições de catecismo mais profundo, e algumas já se preparam para a primeira comunhão.

1863. Rigidíssimo o inverno. As alunas mal acabaram de sair, Maria fecha rápido a porta, porque a nevasca não é de brincar. Estranhamente, porém, escuta que batem à porta. Maria e Petronila vão abri-la. Assim que o fazem dão com quatro olhinhos arregalados e quase desesperados. O que há? Uma menina de oito anos segura pela mão a irmãzinha de seis. Estão pedindo para entrar. Sabem que ali todos os dias vão muitas meninas pobres.

As duas moças se entreolham. Petronila pega ao colo a maior e Maria, a menor. Já estão dentro de casa. Acendem mais o fogo para aquecê-las e conseguem arrancar da mais velha a triste história de suas vidas. Não têm mãe. O pai, caixeiro viajante, leva-as sempre consigo de vila em vila. Desta vez, porém, com medo da neve que cai mais forte, deixou-as em casa e... "já faz muitos dias. Ele não volta!".

As crianças se cansaram de esperar. Sabiam que naquela casa todos os dias entravam muitas meninas.

Assim, sem nenhum "projeto avançado", a casa das costureiras se transformou em lar para crianças abandonadas.

Naquela tarde, Maria e, Petronila conseguem dos vizinhos uma cama e um pouco de fubá. Precisam aumentar a polenta da noite.

DUAS MAES PARA SETE CRIANÇAS

Espalhou-se por Mornese a notícia de que as Mazzarello recebem em casa as crianças órfãs. Muitos querem ajudar: um feixe de lenha, um jogo de lençóis, meio saco de farinha, um pouco de fubá, um cobertor usado... e, também, mais crianças. Antes da primavera de 1864 são sete. E, para elas, Maria e Petrolina devem se fazer de mãe. Tal como numa família.

O P. Pestarino continua informado de tudo. "Continuem, é Deus quem manda as meninas", vai dizendo o padre.

Mas, já aparece outra novidade. Algumas mocinhas da vila querem fazer o mesmo: morar com Maria e Petronila, ensinar costura, ajudar nos trabalhos da casa.

De novo com o P. Pestarino:

— O que é que o senhor acha?

— Por que não? Vocês duas sozinhas estão com muito trabalho. O número de crianças irá aumentando.

O padre se entusiasma e procura um nome para aquele grupo de moças generosas. Serão chamadas "Filhas da Imaculada".

Depois da missa aos domingos, virou um costume, em Mornese, descer para a casa das meninas órfãs. As mocinhas querem divertia-las e inventam mil coisas. As horas passam rápidas e as crianças passam a sonhar, durante a semana, com as manhãs de domingo.

Criaram um "oratório-festivo", um "catecismo dominical", um "centro juvenil", embora nenhuma saiba mesmo o que é isso tudo.

A BANDA NA PRAÇA

Outubro de 1864. Corre em Mornese um boato: aquele padre de Turim vai chegar, com os meninos.

Aquele padre é Dom Bosco. E Dom Bosco é um padre que todos, no Piemonte, conhecem e lhe querem muito bem. Nas imediações de Turim ele fundou um "oratório". É casa para receber os meninos abandonados. Até que custou muito para arranjar um lugar onde pudesse ficar sossegado, por causa da gritaria dos moleques. Conseguiu em Valdocco um barracão. Mas o barracão virou uma casa e a casa, um edifício. Agora são setecentos meninos que aí dormem e comem. Vão às escolas públicas, aprendem os mais variados ofícios e um dia

não serão mais meninos pobres e abandonados. As famílias não podem ajudar em nada. Entretanto Dom Bosco vai para a frente. Já começou a construir outras casas fora de Turim: Mirabello e Lanzo são exemplos. Os padres que o ajudam chamam-se "salesianos".

Todo o mundo diz que Dom Bosco é um santo. Que faz milagres. No outono ele tem mania de sair passeando com os meninos. Banda à frente, vai de lugarejo em lugarejo e dorme onde pode. Os camponeses gostam de hospedar esses garotos que tocam tão bem e, à noitinha, fazem retreta na praça. Poucos resistem à vontade de vê-los. Dom Bosco aproveita para fazer um sermãozinho e sempre conta a história de como começou a receber os meninos em sua casa. Conta também os grandes favores que merecem de Nossa Senhora Auxiliadora aqueles que o ajudam a cuidar desses meninos.

Em Mornese, quando soaram as primeiras notas de uma marcha, lá no meio da praça, ninguém mais ficou em casa. Os aplausos explodiram tão sinceros e tantos que, embora cansados pela caminhada, os meninos foram puxando marcha atrás de marcha. Só depois de meia hora é que deram pela coisa. Dom Bosco subiu nuns degraus e começou a falar. Todos queriam ouvir. À força de cotoveladas, "desculpe", e muitos "com licença!", Maria tinha conseguido chegar na primeira fileira. Não tirou os olhos de Dom Bosco. Mas naquela noite ele falou pouco:

— Estamos muito cansados — começou. — Os meninos querem dormir. Amanhã conversaremos bastante. Só lhes digo que P. Pestarino já me informou da intenção que vocês têm de levantar aqui um colégio para os meninos pobres como temos

em Turim. Pois eu lhes digo, em nome de Nossa Senhora: faremos o colégio e, embora sejam poucos salesianos, vou mandar para cá dois ou três dos melhores. Mornese vai ter um grande colégio!

O povo que desejava isso mesmo delirou e aplaudiu. Os meninos foram muito bem hospedados e na manhã seguinte cantaram lindamente a missa, na igreja apinhada de gente. Depois Dom Bosco sai com o P. Pestarino, passa pelas casas, abençoa as crianças e os doentes. Aperta com simpatia todas as mãos que para ele se estendem. Sobe até Borgo Alto, a colina onde já está pronto o terreno para o colégio.

Passou também pelo pequeno orfanato. Ficou bem impressionado com a dedicação daquelas moças. Gostou, portanto, das Filhas da Imaculada. E lhes falou: "Continuem. Quem sabe Nossa Senhora se servirá de vocês para realizar grandes coisas". Maria está encantada.

Ao se despedir do P. Pestarino recomenda-lhe que, mandando notícias do colégio, mande também das Filhas da Imaculada.

NINGUÉM PENSOU EM SER FREIRA

Depois que Dom Bosco foi embora e disse que tinha aceito o colégio, todos se dispuseram a trabalhar com muita alegria. O P. Pestarino foi o primeiro a entregar suas economias. Os outros alternavam dias de seus próprios trabalhos com dias de serviço gratuito na construção. Maria não faltou. Arrastou consigo outras Filhas da Imaculada.

A construção cresceu sólida e maciça num instante. Os mornesinos aguardam para breve os filhos de Dom Bosco, que virão para serem pais de seus filhos pobres.

Mas em vez disso, um dia estoura uma notícia que gela todo o mundo: as autoridades não permitem a abertura do colégio. O P. Pestarino está sem palavra... Para complicar, ele é chamado urgentemente a Turim.

Chega a Valdocco, entra no escritório de Dom Bosco e ouve à queima-roupa:

— Querido Pestarino, você vai ser o primeiro superior de uma nova congregação feminina.

— Eu? Ser o quê? - Os olhos saem-lhe das órbitas.

— Sim, você. Será o superior de uma nova congregação feminina.

— O senhor está brincando.

— Nada disso. Falo sério. Acabei de chegar de Roma onde o Papa me encorajou a fundar uma congregação feminina que faça para as jovens o que fazem os salesianos para os jovens.

Há muito tempo penso nisto: a raiz dessa nova congregação já existe. São as Filhas da Imaculada, de Mornese.

— Aquelas meninas?

O P. Pestarino cai das nuvens e continua:

— Mas elas nunca pensaram em ser freiras, Dom Bosco.

— Não faz mal. Os meus primeiros meninos também nunca pensaram em ser sacerdotes nem religiosos. Entretanto, um depois do outro o Senhor os foi chamando e levando para

seus lugares certos. Assim será também para aquelas generosas jovens de Mornese.

— Para fundar uma congregação - rebate o P Pestarino - é preciso ao menos ter uma casa. Onde vamos colocá-las?

— No colégio — responde tranquilo Dom Bosco.

— No colégio? Aquele é para meninos. O povo trabalhou firme com o pensamento de que seria para os meninos pobres de Mornese. Se eu chegar lá falando que vai virar uma casa de irmãs, serei linchado.

— Não tenha medo — e Dom Bosco ri. — No começo vão ficar zangados e amuados, certo. Mas depois verão que é uma ótima coisa. Não poderão mandar os meninos e mandarão as meninas. E acontece, P. Pestarino — Dom Bosco tornou-se sério nesta hora — que estou certo ser esta a vontade de Deus. daquelas jovens Deus se servirá para fazer um grande bem, na Igreja, no mundo inteiro. Será que você não quer dar uma mãozinha a Deus?

UM PUNHADO DE MARMOTAS

Bom. Tudo aconteceu como P. Pestarino esperava. Ao contar a novidade, violentas reações. Os mais rudes subiram a Borgo Alto e estavam dispostos a pôr tudo abaixo. Alguns pensaram que essa ideia nascera do próprio P. Pestarino e queriam "ajustar contas" com ele. Vários dias não saiu de casa o inocente vigário de Mornese.

Quem realmente pagou o pato, sem dúvida, foram as Filhas da Imaculada. Ouviram palavrões, insinuações malévolas,

risadas e risadinhas. O lugarejo estava fervendo. Não passou tudo tão depressa como Dom Bosco estava querendo.

Quando, ao entardecer do dia 23 de maio de 1872, em duas carroças as Filhas da Imaculada, do salão de costura transportaram para o colégio os seus poucos pertences, ninguém da vila as ajudou. Ninguém.

No domingo seguinte, pelos grupinhos da praça, depois da missa, ouviam-se os mais ferrenhos comentários:

— Que beleza, heim? Trabalhar como burros, anos e anos, e depois ver o nosso colégio entregue àquele punhado de marmotas.

— Quer ver? Não vão poder fazer nada porque nem são professoras. Não poderão dar aulas.

— Dizem que vão receber meninas pobres para ensinar costura.

— Que maravilha! Todas as meninas da região serão costureiras... Teremos de gastar muitas calças para lhes dar trabalho.

— Não. Fogo de palha. Tudo vai terminar logo porque não terão o que comer por muito tempo. Se quiserem viver vão ter de desalojar a casa.

REZANDO PELOS BICHOS-DA-SEDA

A fome foi a ameaça mais grave que pairou sobre o colégio e suas habitantes naqueles primeiros meses. Poucos da vila subiam até Borgo Alto para levar-lhes alguma coisa. Não havia mais fubá nem batatas. Acostumada a tudo aceitar das mãos de Deus, Maria procurava encorajar as amigas:

— Estamos nas mãos de Deus. Vamos receber tudo: injúrias, caçoadas e até fome, com muito amor. Quando Ele quiser, as coisas mudarão.

Mas por muito tempo as coisas não se alteraram. Junto com a mudança, Maria tinha trazido para o colégio, com cuidado, as caixas dos casulos de seda que pretendia vender para fazer o primeiro fundo de caixa. Mas, "casulos mexidos, casulos perdidos", diziam os entendidos. Isto seria demais! Por muitos dias as habitantes do novo colégio olhavam com ansiedade o tesouro e rezavam muito pela vida daqueles vermes devoradores de folhas de amoreiras. Não morreram. O resultado da venda dos casulos produziu um alívio geral: alguns sacos de fubá chegaram a Borgo Alto.

A FESTA SEM CONVIDADOS

5 de agosto de 1872. Festa de Nossa Senhora das Neves. Todos percebem um movimento diferente lá no colégio. Da cidade de Acqui chegou um bispo. De Turim, Dom Bosco. Falavam numa festa muito grande. Algumas das Filhas da Imaculada vão receber, das mãos de Dom Bosco, o hábito religioso. São quinze. E serão chamadas *Filhas de Maria Auxiliadora*. Assim Dom Bosco quis.

O dia está quente demais. Calor insuportável, mas no fundo do coração de todos há um pouco de gelo, de desaponto. Ninguém subiu à colina para participar da festa do colégio. Nem mesmo os parentes mais chegados das quinze que se consagravam ao Senhor.

Dom Bosco, porém, fixando o olhar no futuro, dissipa aquela velada nuvem de ansiedade e tristeza que paira sobre todas. — Vocês estão tristes — diz ele — porque não foram aceitas pela população, porque caçoam de vocês e até mesmo seus parentes as rejeitam. Mas tenham coragem, consolem-se. Eu lhes asseguro *um grande futuro*. Conservem-se simples, pobres, mortificadas. O Senhor fará em vocês grandes coisas.

POLENTA A BEIRA DO RIO

Para permanecerem pobres de fato não fizeram nenhum esforço. Faltava-lhes muita coisa. Quando um pobre vinha bater à porta, pediam-lhe que voltasse de novo, à hora da refeição. Só então teriam algo para dividir com ele. Quem fazia isso, antes que alguma pudesse notar, era Maria. Quase sempre a porção de sopa quentinha, que lhe tocava, desaparecia rápido no estômago do mendigo que havia passado pela manhã.

O "prato forte" da comunidade era polenta e castanhas cozidas. "O cheiro daquelas castanhas cozinhando — lembrava uma irmã dos primeiros tempos — espalhava-se pela Casa, muito tempo antes da hora da refeição, e era uma tortura".

"Às segundas-feiras — contava Felicina, a caçula da família Mazzarello, que também tinha vindo a Mornese para viver a vida de Maria — a situação era mais dura ainda. Minha irmã e outras irmãs mais velhas punham à cabeça as trouxas de roupa usada na semana e desciam para o rio Roverno. Para começar, o rio já não ficava muito perto da vila. Como almoço a gente punha no bolso um pedaço de pão e polenta

amanhecida. No inverno a água estava tão gelada que a gente precisava brincar e cantar para disfarçar a dor nas mãos. Voltávamos à tardinha, cansadas e molhadas. Mas a gente estava sempre muito alegre".

Numa segunda-feira, à hora da saída, onde está a polenta para levar? Nada havia na dispensa... Maria teve uma ideia: faremos polenta à beira do rio. Vai estar quentinha.

Chama duas irmãzinhas que acabavam de chegar ao orfanato e lhes diz:

— Vou pedir um favor a vocês. Desçam até suas casas e peçam para a mamãe um pouco de fubá para a nossa polenta do almoço. Nós esperamos vocês lá no rio.

Uma hora depois, com um pacotinho debaixo do braço, as duas se encaminhavam para o Roverno.

Mas a alegria, talvez, e a pressa de chegar com o presente arruinaram o piquenique. Sem querer, o pacote vai ao chão e todo o fubá espalha-se na areia. Que decepção! Recolheram como puderam o fubá com areia. "Contamos para Maria? Não contamos?". Assim, sempre em dúvida, chegaram ao rio, e o choro convulso explicou tudo. Estava muito estranho aquele fubá grosso e meio brilhante. Maria, rindo muito, conseguiu falar:

— Gente, fubá tem, graças a Deus, mas tem também outra coisa e vocês prestem muita atenção ao mastigar.

E voltando-se para as meninas:

— Não chorem, não. Não é o caso.

Saiu a polenta. Foi repartida e... não houve tempo pra se pensar na areia. Algum dente deve ter sofrido as consequências. Mas, quem tem fome não presta atenção a minúcias...

ANGÉLICA TEM QUATRO ANOS

Apesar de tanta pobreza, todas as crianças abandonadas que procuravam o colégio eram recebidas. Noventa por cento delas chegavam de mãos vazias. Era difícil saber como sustentá-las. Maria, porém, estava sempre tranquila. Aprendera com Dom Bosco:

- Não vamos nunca rejeitar alguma criança por causa da pobreza. As vocações pobres enriquecerão o Instituto.

Aparece uma mocinha de 17 anos: Henriqueta Sorbone, órfã. Traz consigo uma fila de cinco irmãzinhas e um irmãozinho. Queria entrar para a Congregação, em Mornese.

Mas como fazer com os irmãozinhos? Assim que Maria sabe da situação, escreve para a jovem: "Estamos prontas a repartir com você e suas irmãzinhas o pouco que temos em casa. Nada lhes faltará aqui. O irmãozinho? Vamos pedir a Dom Bosco que o receba no Oratório".

Chegaram as seis a Mornese. Angélica, a menor, tinha apenas quatro anos. Entre as irmãs, as meninas encontraram tanto carinho e tanta bondade que as seis acabaram nas fileiras das Filhas de Maria Auxiliadora.

Muitas irmãs usavam como travesseiro um pedaço de pau enrolado com tiras de saco. Todos os travesseiros da casa estão com as meninas. Maria não quer que as irmãs moças façam isto. Mas quem inventou a moda foi ela.

GRAÇAS A DEUS, UMA VACA

Quando o P. João Cagliero, um dos primeiros salesianos, e muito decidido, chegou a Mornese, a mando de Dom Bosco,

para ver como iam as coisas, ficou espantado. Pobreza, sim, mas o que estava vendo era demais. Volta a Turim e fala claro com Dom Bosco:

— Isto é suicídio. Se elas continuarem a pão duro e água fresca de manhã, vão todas para o hospital. Impossível trabalhar sem comer. Não pode ser o café da manhã só com um pedaço de polenta fria. É preciso leite.

Dom Bosco vai bater à porta de seus amigos. Consegue um dinheirinho. Mas, se o mandar assim a Mornese, vão usá-lo para outra coisa, já sabe. É melhor garantir uma forma de as irmãs terem leite pela manhã. Manda-lhes logo uma vaca. Desta forma entenderão o que Dom Bosco quer.

Que festa! O pachorrento animal nunca compreenderá por que foi recebido triunfalmente. Guirlanda de flores ao pescoço e acompanhamento solene até o estábulo!

SINOS QUE TOCAM AS EXÉQUIAS

É que a morte visitou pela primeira vez o colégio de Borgo Alto. Foi no dia 29 de janeiro de 1874. Uma irmã ainda jovem — Maria Poggio — é a primeira a separar-se do grupo. Maria Mazzarello gostava' muito dela. Era inteligente e santa. Maria até tinha proposto a Dom Bosco que ela fosse a superiora. "Ela, sim, calharia bem como superiora. Eu sou muito ignorante". Irmã Poggio, sorridente e silenciosa, estava sempre pronta para ajudar, para atender, para acudir às doentes. Naquele inverno tinha passado tanta fome e tomado tanta friagem... Foi-se de mansinho, em silêncio, sem perturbar ninguém.

As duas irmãs, surpresas, sentiram demais. O enterro de irmã Poggio, porém, foi uma bênção. Fez a "reconciliação" entre o povo da vila e aquelas moças franzinas que, chorando sinceramente, desfilaram até o cemitério, cabeça baixa, rezando o santo terço. "Muitos dentre o povo choraram também", lembra o P. Pestarino. Diante daquele caixão leve, a consciência dos mais ricos começou a gritar: "Culpa de vocês que as irmãs lá em cima não têm o que comer. Arriscam-se a morrer de fome aquelas moças". E desde então nunca mais a despensa ficou sem fubá e farinha.

Mas a morte retomou logo àquela casa. Na manhã seguinte à festa da Ascensão o P. Pestarino foi falar à comunidade. Leu para elas uma página sobre a brevidade da vida e comentou: "Pode ser que a morte me visite daqui a um ano, ou um mês, ou uma semana. Até hoje mesmo, terminada esta leitura...". Neste momento comoveu-se e começou a chorar. As irmãs ficaram muito perturbadas.

A perturbação virou imensa tristeza naquele mesmo dia quando a notícia chegou lá em cima: o P. Pestarino faleceu. Impossível acreditar. Às 11h00, enquanto trabalhava, o padre caiu. Poucas horas depois morria. Tinha apenas 57 anos.

E, antes de um mês, outra vez a morte as visita: Irmã Corina Arrigote. Foi a primeira professora de música do colégio e tem uma história bem triste: sofrimentos e incompreensões. Muito jovem, chegara para ser professora de música. Era contratada por um ordenado, embora modesto. Com o correr dos meses, aquela vida serena, o amor sincero de Maria, a amizade de todas as outras fizeram-na mudar de ideia. "Não quero

ser contratada, quero ficar lá para sempre, quero ser uma delas". Mas o pai, que retirava mensalmente aqueles parcos vencimentos, não quis saber da novidade. Levou-a à força para casa. E como Corina insistisse em querer retornar a Mornese, seu pai a prendeu dentro de casa. Só a intervenção enérgica de um tio permitiu que a moça voltasse para junto das irmãs. Mas era tarde. A sua saúde estava arruinada para sempre. Voltou para preparar-se e morrer.

CHEGOU DOM Bosco

Três mortes seguidas dentro de casa. Como é possível rir e brincar ainda? Dom Bosco percebeu e foi a Mornese. Chegou, reuniu a comunidade, bateu palmas com energia e anunciou:

— Basta de túmulos em Mornese. Aqui a gente deve viver e não morrer. Muitas de vocês vão partir, mas não será mais para o paraíso. Vocês vão sair de Mornese para fundar novos colégios, novos asilos, mais casas para as meninas pobres do Piemonte, da Itália toda. É preciso trabalhar: dar aulas, ensinar bordados, mexer-se. Nada de tristezas! Vão pensar na morte quando tiverem oitenta anos! E para que tudo aconteça direito temos de escolher uma superiora.

Até aquele dia, Maria Mazzarello não aceitou que a chamassem de "Madre". Dizia: "A Superiora é Nossa Senhora. Quando muito posso fazer-lhe as vezes". E todas as chamavam simplesmente Maria.

No dia 15 de junho, depois de rezarem ao Espírito Santo, as Filhas de Maria Auxiliadora democraticamente votaram para

eleger a sua Superiora. Todos os votos, menos um, recaíram sobre Maria Mazzarello.

Sorrindo, Dom Bosco voltou-se para ela e disse: "Voz do povo, voz de Deus, *Madre Mazzarello!*".

Não houve mais remédio. Depois disso foi madre até morrer. Na festa da Imaculada daquele ano, mais sete vestiram o hábito das Filhas de Maria Auxiliadora. Entre elas havia uma jovem alta, morena, aspecto reservado, maneiras finas, simples. Chamava-se Catarina Daghero. Hesitara três meses antes de pedir admissão aos votos. Julgando-a, por isso, de vontade fraca, as superioras não queriam mais recebê-la. Madre Mazzarello, ao contrário, insistiu para que fosse admitida. Disse a Catarina:

— Sei que você está sofrendo. Mas deve ficar conosco. Não tenha medo. Logo se sentirá bem. Trabalhará muito pelo Instituto.

Via o futuro? Ninguém sabe. O fato é que foi esta moça quem a sucedeu no Governo-Geral e o manteve por 43 anos. Foi a segunda Superiora-Geral, cheia de fortaleza e humildade. Com isso o primeiro grupo que viveu com Maria Mazzarello deu à Congregação quatro Superiores-Gerais.

DEBAIXO DA NEVE PARTEM TRÊS.

9 de fevereiro de 1876. Pleno inverno. Cai neve, mas ninguém se importa. Estão de saída as três primeiras irmãs. Vão para Vallecrosia. Nesta cidadezinha da Liguria vão abrir uma casa de "catecismo dominical" e escola para meninas pobres. Na cidade, os protestantes valdenses tinham aberto uma enorme

brecha entre os católicos. E, nada de diálogos. Entre as duas partes da população havia uma luta cerrada: discussões fortes, despeitos, insultos, até alguns disparos "involuntários". A partida das irmãs para uma terra "protestante" impressionou muito a população de Mornese. Ainda mais que se fizera uma partida muito solene. Três dias de orações especiais precederam a saída delas: foram chamadas de "missionárias",

E, como já se disse, caía impiedosa a neve. Apesar disso, Madre Mazzarello acompanhou a pé suas irmãs até a próxima vila: Gavi. Eram suas amigas de infância e a separação custou-lhe muito. Viveram juntas a incerteza e a fome dos primeiros anos. Aos pés da Virgem de Gavi rezam juntas, pela derradeira vez, uma Ave-Maria e se abraçam.

29 de março. Mais sete irmãs partem de Mornese para Turim. Dom Bosco conseguira comprar uma casa a cem metros do Oratório de Valdocco e cedeu-a para escola feminina. Por mais de cinquenta anos a sede central das Filhas de Maria Auxiliadora será aí, nessa primeira casa de Turim.

Chegaram a mais de vinte e seis as irmãs que nesse ano deixaram a casa de Mornese. Esparramaram-se por Biella, Alássio, Lu 'Monferrato, Lanzo Torinese e fundaram até uma colônia marítima. Sestri Levante recebe de uma só vez sete irmãs para cuidarem de meninos e meninas doentes. Entre estes pequenos rostos desfigurados trabalha, sempre sorridente, aquela órfã que chegara a Mornese preocupada, com seus sete irmãozinhos... a irmã Henriqueta Sorbone.

UM SONHO: AS AMÉRICAS

No dia 11 de novembro de 1875, o Santuário de Maria Auxiliadora em Turim está apinhado de gente. Numa cerimônia muito comovente, Dom Bosco entrega o Crucifixo de Missionário aos primeiros salesianos (dez) que partem para a América do Sul.

Daquele dia e daquele lugar o fogo do entusiasmo missionário alastrou-se por todas as casas salesianas. Há cem anos esta chama mantém-se acesa em cada coração.

As cartas dos missionários descrevendo viagens, encontros com desconhecidos, primeiros contatos com os índios do pampa argentino passam rápido de casa em casa e até de mão em mão. Todos estão cheios de curiosidade e inveja.

As Filhas de Maria Auxiliadora não escapam ao contágio. É um ideal empolgante. Elas também sonham partir para as missões.

8 de setembro de 1877. Chega uma carta. Madre Mazzarello, agitando-a, sai correndo para o pátio. "É de Dom Bosco. Ele anuncia a nossa partida para as missões. Iremos também para a América do Sul". Todas correm, fazem um apertado círculo em torno da superiora e ela diz que quem quiser ir para as missões faça um pedido por escrito.

Antes houvesse ordenado o contrário: quem desejar ficar em Mornese declare por escrito... Seria muito menor o trabalho de ler as cartas.

Quando a Madre escreve ao P. Cagliero, que fora o primeiro a partir para a América, diz: "Impossível dizer-lhe o nome de todas as irmãs que desejam ser missionárias. Não acabaria

mais. Entre elas estou eu. Prepare um lugarzinho para mim. Depois venha buscar-nos. Não saberíamos ir sozinhas. Até as alunas querem ir para as missões".

Coube à Madre escolher as seis que partiriam logo. Pensa com calma. Por seu natural bom senso consegue escolhê-las entre as melhores sem despertar invejas e ferir corações. Continua entre as outras o mesmo desejo.

O LENÇO BRANCO

As missionárias irão a Roma e terão uma audiência com o Papa. Dom Bosco quer que a Madre acompanhe suas filhas. Ela opõe longa resistência: "O Santo Padre pensa que a Superiora Geral é uma pessoa muito instruída, fina. E, ao contrário, vai ver uma camponesa ignorante. Acabará perdendo a estima que tem pela Congregação. Não vou".

Mas vai, só por obediência. Pio IX as recebe em audiência particular. Dirige palavras pessoais à Madre. Ela porém está de tal forma emocionada que não consegue responder uma sílaba. Saindo, explica toda confusa: "Disse para vocês que eu sou uma pobre ignorante".

Visitam os principais monumentos da cidade e descem às catacumbas de São Calixto. Estas catacumbas são muito úmidas e frias. A Madre percebe que um clérigo salesiano que as acompanha sente muito frio. Tira dos ombros seu xale de lã e o coloca nos do clérigo.

Quando saem das catacumbas a Madre está tomada por violento resfriado.

O embarque dos missionários será em Gênova. Partem para lá. A Madre sobe ao navio. Quer dar uma olhada nas cabines reservadas às irmãs. Gostaria de que nada lhes faltasse. Quando ouve o apito de partida, a Madre abraça cada uma com imenso carinho. Consegue não chorar, o que lhe custa um grande esforço. Desce e, do cais, juntamente com a população que se despede de algum parente ou amigo, a Madre agita, triste, um pequeno lenço branco ...

Da América, logo as irmãs escrevem mandando notícias. A Madre responde com uma longa carta. Conversa com cada uma delas como se as sentisse bem perto de si. Nas últimas linhas diz: "Minhas filhas, recomendo a vocês que se queiram muito bem, que tenham paciência uma com as outras, que se perdoem mutuamente os pequenos defeitos, coisas inevitáveis. Cuidem bem da própria saúde. Coragem, boas e queridas irmãs".

ADEUS, MORNESE

Já em 1878 as Filhas de Maria Auxiliadora são uma família numerosa. Moram em diversas cidades da Itália, de outros países e até de outros continentes. Tudo vai bem. Mornese já não é mais adotada para centro dessa família que cresce tão rapidamente. Não se mostra uma cidade funcional: está longe de qualquer ferrovia, no inverno as estradas ficam intransitáveis.

Dom Bosco já está pensando em transferir o centro da Congregação para Nizza Monferrato. Existe aí um convento que fora dos capuchinhos. Tem uma bela igreja.

Em fevereiro, a Madre com a irmã Henriqueta Sorbone, sem que ninguém perceba, vão dar uma olhada no edifício. Parece-lhes bem adaptado.

Em setembro a partida do "primeiro pelotão". Mais alguns meses e, bem depressa, se vão outras irmãs, as noviças e as postulantes.

Por fim, em fevereiro de 1879, dia 4, com uma carta, Dom Bosco convida também a Madre a transferir-se para Nizza. É uma violência dolorosa que lhe pede. Na vila moram ainda, já bem idosos, seu pai e sua mãe. No cemitério, repousam o P. Pestarino e as primeiras filhas que perdeu. Mornese encerra todas as suas mais queridas recordações: o primeiro salão de costura, a igreja onde todas as manhãs tantas vezes pedira a Deus lhe mostrasse o caminho, aquele rio que levou tantas das suas energias... onde a roupa ficava tão branquinha... Mas, era preciso partir. Alguns meses depois escreve às missionárias: "Pobre Mornese. Não posso me lembrar de lá sem imensa tristeza no coração. Enfim, é preciso coragem.

Aqui choramos mas, no paraíso, vamos gozar".

Voltou a Mornese em abril do ano seguinte. Estava decidido fechar-se definitivamente a casa. Lá tinham ficado apenas algumas irmãs, com as que se achavam muito doentes. Entre estas, Irmã Ortênsia Negrini, completamente parálitica. Deviam transportá-la de carroça. Para que a Irmã Ortênsia não sofresse muito com os solavancos do caminho, a Madre tomou-a nos braços e conservou-a assim, de peso, até Nizza.

PERDERAM O ÚLTIMO TREM

Faltaram apetrechos para a cozinha. Madre Mazzarello resolveu comprá-los na cidade de Asti. Ficava a um pulinho de Nizza e tinha melhor comércio. Parte, de manhã, com uma companheira e devem retornar à noite.

Rodam em vão por várias vendas. Tornam a rodar e, por alguns minutos, perdem o último trem. Que fazer? Pernoitar em Asti. Não havia outra solução.

— Deus sabe como estou aborrecida por não chegar hoje em casa - diz à companheira. — Mas se Ele permitiu isto, guiará nossos passos.

Acabara de ser inaugurado, em Asti, um hospital de doentes recusados pelos outros hospitais. Aí eram enfermeiras três ex-alunas de Mornese. "É no hospital que vamos passar estas poucas horas", sugeriu a Madre.

Apenas chegaram, as enfermeiras acorreram, fazendo alvoroço. Chamaram o diretor, Sr. Cerrato, que, já conhecendo a fama da Madre, quis não só que ali pernoitassem, mas pediu à Madre que com ele percorresse todo o hospital e fizesse as suas observações. Logo num dos primeiros quartos depararam com uma doente cancerosa. O câncer de pele, que a atacara, desfigurara-lhe o rosto e fazia exalar, da ferida aberta, cheiro insuportável. A Madre entrou, inclinou-se para ela, tomou-lhe a mão, sentou-se e começou a falar-lhe como se fossem velhas amigas. Ninguém teve coragem de convidar a Madre para continuar a visita. A doente começou a chorar. Consolando-a, a Madre fez com que lhe contasse sua longa e dolorosa história. Escutou-a pacientemente e teve uma noite para

lhe falar de Deus, das alegrias do céu e da esperança sem fim que há nos corações cheios de fé.

Restou pouco tempo para tomar um café e um pouco de repouso antes que partisse o primeiro trem da madrugada.

NAO VAI DOER NEM UM POUQUINHO

O fato de tornar-se Superiora Geral não fez a Madre abandonar seus pequenos serviços nem perder o senso das proporções. Continuou a assistir o dormitório das menores com o mesmo carinho e cuidado atencioso. Uma pequena, em cujas feridas causadas pelo frio do inverno haviam grudado meias, dedos, e até calçados, para evitar a dor esperou que ninguém a visse e... pluft! enfiou-se debaixo das cobertas com sapato e tudo. Madre Mazzarello observava disfarçadamente. Não disse nada. Esperou que as meninas se aquietassem, foi à cozinha, esquentou uma vasilha de água, pegou gaze e algodão e voltou ao dormitório.

Colocou tudo perto da cama da pequena e murmurou-lhe ao ouvido: "Não tenha medo. Deixe-me ver seus pés. Não vão doer nem um pouquinho". A pequena dormiu muito melhor naquela e em todas as noites daquele inverno.

Maior de 1880. Bate à porta do colégio uma menina acompanhada de seus pais. A mocinha quer ser irmã. Mas os pais estão tão desolados que à hora da saída a mãe desata em choro convulso. A Madre pensa um pouco e muito carinhosamente diz a menina:

— Você não pode deixar sua mãe neste estado. Tenha paciência, volte com ela e, quando tudo estiver calmo, venha outra vez.

Como se fosse tarde, a família teve de pernoitar na cidade. Procuraram uma modesta pensão. Vendo todos assim tão consternados e mesmo chorosos, durante o jantar o dono da pensão acabou arrancando o segredo da situação... Bastante eloquente, o homem começou a falar tão bem da Madre Mazzarello, contou tantos episódios de atos bons acontecidos no colégio que a pobre mãe saiu-se com esta: "Se eu pudesse passar com a minha filha alguns dias aí no colégio, eu deixaria...". Acabou insistindo com o marido para que retomasse ao colégio e pedisse isso à Madre.

O pobre homem vai e ouve esta animadora resposta:

— Não só uns dias, mas até um mês, pode ficar. As mães das nossas meninas, aqui, estão como em suas casas.

Voltam. A Madre os recebe com alegria e com eles visita toda a casa, mostrando-lhes até a adega... A mãe fica alguns dias em Nizza e acaba abraçando sua filha e declarando:

— Fica, minha filha. Madre Mazzarello será sua mãe bem melhor do que eu pude ser para você.

A CURA PELO TIJOLO

Em janeiro de 1881 começaram a notar que a Madre estava diferente. O sorriso lhe parecia um pouco difícil.. a sua saúde não era mais a mesma. Com esforço caminhava e tinha sempre uma das mãos apertando o lado direito do tronco. Havia em todo o seu modo de ser um ar incontido de cansaço. E a cozinheira — mantendo fiel segredo — sabia alguma coisa mais. Todas as noites a Madre ia à cozinha para esquentar um grande tijolo que enrolava cuidadosamente e levava para seu quarto.

— É para pôr aqui do lado durante a noite — explicou da primeira vez. — Dói-me tanto e com o tijolo quente melhora um pouco.

Alguém lhe falou que devia cuidar da saúde. Mas ela, sorrindo, respondeu:

— É bom para vocês que eu me vá. Assim terão outra superiora melhor do que eu.

Irmã Paccotto, destinada a uma outra casa, lhe disse que estava muito triste porque devia separar-se dela. Mas a Madre respondeu:

— Mesmo que você ficasse, deveríamos nos separar logo. Eu não vou chegar até o fim deste ano.

OITO CARTAS DE PRESENTE

Para a América, em 1881 partem oito irmãs e seis salesianos. As missionárias pedem à Madre, como lembrança; uma carta pessoal para cada uma. Escrever, sempre foi um grande sacrifício para Madre Mazzarello. Mas as filhas pediram e ela atende. Escreve oito cartas cheias de carinho. Diz à irmã Otávia Bussolino: "Coragem! Quando você estiver muito cansada e aflita, vá confiar os seus problemas ao Coração de Jesus. Encontrará alívio e conforto. Fique tranquila. De você não me esquecerei nunca". Para a irmã Ernestina Farina: "Seja muito alegre e não se esqueça nunca de quem lhe quer muito bem. Asseguro-lhe que acompanharei sempre você".

A expedição receberia o Crucifixo de Missionários no Santuário de Maria Auxiliadora em Turim. A Madre acompanhou as irmãs e esteve presente à cerimônia, embora já se sentisse

muito mal e quis continuar a viagem até Sampierdarena. Nesta cidade uma febre muito alta a prostrou de vez.

Chamado, o médico foi muito infeliz no seu diagnóstico. Disse tratar-se de uma coisa passageira: a Madre poderia prosseguir viagem.

Os missionários iriam a Marselha (França), depois à Espanha onde tomariam o navio. Dom Bosco os acompanhava até Marselha e a Madre quis fazer o mesmo, aproveitando para visitar suas filhas que já estavam trabalhando em Saint-Cyr.

A noite que passou a bordo foi terrível. Embora o mar estivesse calmo, enjoou-se muitíssimo. Em Marselha um contratempo piorou tudo. Nesta cidade as irmãs deveriam ficar hospedadas em casa de uma família que, naturalmente não teria tantas camas assim... Os donos achavam que os salesianos cuidariam disso e, por sua vez, os salesianos estavam certos de que os donos providenciariam... Quando as irmãs chegaram, perceberam o contratempo e para não causarem maiores preocupações resolveram que passariam a noite costurando...

Madre Mazzarello se acomodou, vestida, num canto e tiritou de frio a noite toda por causa da febre que subia sempre mais. Pela manhã não conseguiu levantar-se. Só o fez à tardinha, com imenso esforço. Queria acompanhar as irmãs ao porto para o embarque.

QUARENTA DIAS EM SAINT-CYR

Dom Bosco percebeu que a Madre estava mal e imediatamente fê-la tomar o trem para Saint-Cyr. As irmãs e alunas prepararam para ela uma linda recepção. Mas a Madre pouco resistiu ao cansaço. Teve de ir para a cama.

Desta vez o médico fez um exame mais cuidadoso e verificou: caso de pleurisia em estado muito avançado.

Naquele tempo nada de penicilinas e injeções de cálcio... Eram ventosas mesmo. Por quarenta dias a Madre teve de suportá-las. Suas costas viraram quase uma única ferida...

Mesmo mal, ela percebeu que no quarto ao lado havia uma irmãzinha nova, bastante doente. Tinha medo de morrer. Madre Mazzarello arranhou um jeito de conversar com ela longamente e conseguiu tranquilizá-la: "Garanto a você que vai sarar. Ainda vai trabalhar até uma idade muito avançada".

Quando, na Bélgica, esta irmã completou 70 anos, muito comovida se lembrava do encontro que teve com a Madre na enfermaria de Saint-Cyr.

Houve outro caso. Uma irmã, muito triste, sempre conseguia, meio de escondido, visitar a Madre. Esta percebeu a mágoa da irmã e arrancou dela uma confissão: havia pedido à diretora da casa para ser a enfermeira da Madre e recebera uma resposta bem triste: "Você não pode, é muito sem jeito...". A Madre sorriu e naquela mesma noite conseguiu da diretora que fosse a pobrezinha a enfermeira. Realmente, a boa irmãzinha não tinha jeito... Bastante incapaz, não foi pouco o que Madre Mazzarello sofreu em suas mãos. Mas todos os dias agradecia com muito carinho a sua enfermeira trapalhona.

OS DOIS MESES PARA VIVER E MORRER

Estamos em março e a Madre continua em Saint-Cyr. Parece que melhorou, mas o médico meneia a cabeça... Proíbe à Madre de se levantar.

Madre Mazzarello nunca tinha passado tanto tempo fora de sua casa. Pede para falar pessoalmente com o médico:

— Desejo voltar para a Itália, para Nizza. O senhor, o que acha? Peço-lhe que me diga tudo sem receio.

— Para mim isso parece uma imprudência. Poderia causar uma recaída. Mas, como a senhora pediu franqueza, vou lhe dizer que, mesmo ficando aqui, talvez tenha mais uns dois meses de vida.

— Muito obrigada, doutor. Então volto já para a Itália.

Partiu no dia 19 de março, festa de São José. Fez uma parada em Nizza Marítima para se encontrar com Dom Bosco. Quando pôde conversar com ele, disse logo:

— Dom Bosco, o médico de Saint-Cyr foi muito franco. Deu-me dois meses de vida. O senhor o que acha? Vou sarar?

Dom Bosco não lhe respondeu diretamente. Contou uma parábola:

— Certa vez, a morte foi bater à porta de um convento. Entrou e cada irmã que encontrava convidava-a a segui-la. Oh, não posso, diziam todas. Tenho muito que fazer. Então a morte foi ter com a superiora e lhe disse: Você deve dar bom exemplo. Venha comigo. A superiora teve de abaixar a cabeça e obedecer.

A Madre compreendeu, abaixou a cabeça e sorriu. Tudo estava explicado entre os dois. Na tarde do dia 28, Madre Mazzarello chegou a Nizza. Receberam-na com uma festa tão espontânea e tão linda que ela se comoveu muito. Agradeceu simplesmente. Falou Pouquíssimas palavras:

— Neste mundo, aconteça o que acontecer, não devemos nem alegrar-nos nem entristecer-nos muito. Estamos nas mãos de Deus que é nosso Pai e devemos sempre estar prontos para fazer a Sua vontade.

FLORES A JANELA

Por muitos dias conseguiu acompanhar a comunidade em tudo. Trabalhava quase como sempre, ia à capela, acompanhava as Refeições. Apenas todas as noites, antes de se deitar, passava pela cozinha, pegava o tijolo quente, que a boa cozinheira já havia preparado. Tinha de encostá-lo ao lado direito. Doía tanto...

De repente, não conseguiu mais aguentar tamanho esforço. Disse o médico que a violenta pleurisia voltara.

Da janela de seu quarto admira o verde e as flores da primavera que desponta:

— Como é bela a natureza - exclama. — Como não será o céu?

Pedi para receber o Sacramento dos Enfermos. Agradeceu o sacerdote e, sorrindo como sempre, acrescentou:

— Agora que meus documentos estão assinados, posso partir, não é?

Era-lhe agradável ouvir, do seu quarto, o barulho das crianças que corriam e gritavam felizes. Desejou ainda falar com suas irmãs. Disse:

— Queiram-se muito bem. Permançam unidas. Vocês deixaram o mundo quando vieram aqui. Não fabriquem um outro aqui dentro. Pensem sempre por que procuraram a congregação.

Sentia-se muito mal. Mas não quis entristecer ninguém até o fim. Sorria para todas. Esforçou-se até para cantar. Deus veio ao seu encontro na madrugada do dia 14 de maio de 1881. Conseguiu ainda murmurar:

— Adeus! até o céu...

Tinha quarenta e quatro anos.

Impressão e Acabamento
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - Mooca 03105-020 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3274-4900 Fax: (11) 3271-5637